

o curto verão da catalunha¹

entrevista de gianni sartori com
claudio venza*

Neste ano comemora-se o 70º aniversário do início da Guerra Civil Espanhola (para muitos historiadores o “ensaio geral” da Segunda Guerra Mundial). Essa comemoração e o debate sobre o novo Estatuto da Catalunha colocaram sob os refletores os episódios da península ibérica. Sobre isso falamos com o professor Claudio Venza, autor de numerosos ensaios sobre os movimentos culturais e sociais da península ibérica e atualmente está terminando um trabalho sobre a presença italiana na Guerra Civil Espanhola de 1936-1939.

Gianni Sartori — *Recentemente tornou-se atual a questão nacionalista na Catalunha com uma relativa irrupção de polêmicas e, também, de ameaças veladas por*

* Professor na Universidade de Trieste, co-diretor da revista *Espanha contemporânea*; diretor do jornal anarquista *Germinal*. Organizou *Le passioni dell'ideologia. Atti del convegno internazionale Cultura e società nella Spagna degli anni Trenta*, Trieste, Editre, 1989.

O curto verão da Catalunha

parte de expoentes do exército espanhol à região indisciplinada. O que você pensa a respeito?

Claudio Venza — Para compreender essa polêmica é necessário contextualizá-la. A questão nacional na Catalunha (entendendo por nação uma língua, uma cultura, uma tradição que definem uma identidade) diz respeito a conflitos mais amplos. O General José Mena Aguado, que ameaçou com intervenção do exército (para garantir a unidade nacional espanhola), é um herdeiro daqueles militares que, guiados por Sanjurjo, o chefe da Guarda Civil, que em agosto de 1932, a poucas semanas do reconhecimento da autonomia da Catalunha (na época a região mais desenvolvida e progressista) com a aprovação do Estatuto por parte das Cortes, ameaçaram as instituições republicanas com uma tentativa de golpe de Estado. Os militares espanhóis são desde sempre ultra-centralistas e no cerne da história da península ibérica encontra-se a presença obsessiva do exército, sempre pronto a se fazer “evidente”. Também o golpe de julho de 1936 tinha entre os seus objetivos aquele de manter a Espanha “Una” contra as manifestações autonomistas. Esse subsolo condicionou, também, o debate sobre o novo Estatuto para a Catalunha, um texto que iria além dos limites daquele de 1979 e que foi aprovado por quase 90% dos deputados da *Generalitat* catalã em setembro de 2005. Esse conflito emerge também em episódios aparentemente secundários como aquele do arquivo de Salamanca.

— *Você poderia falar sobre isso?*

— Os generais sublevados, junto com Franco, em julho de 1936, desde logo se deram conta que não venceriam imediatamente e que estava para ter início uma longa guerra. Os golpistas, ajudados pela Alemanha nazista e pela Itália fascista, queriam cortar todas as raí-

zes do “subversivismo”, tanto social (com forte presença do movimento anarquista) quanto autonomista de bascos e catalães. Em todas as vilas e cidades conquistadas pelas suas tropas foram confiscados todo e qualquer documento produzido pelos “vermelhos”: listas de inscritos nos sindicatos da CNT e UGT, de inscritos nas associações laicas, nas bibliotecas populares; se apropriaram também das atas das reuniões, incluindo aquelas das coletividades autogeridas e dos conselhos comunais quando o sindicato era considerado filo-republicano, enfim, tudo que constituía testemunho do fermento social organizado contra os latifundiários, contra o militarismo, contra a hegemonia da igreja. Todo o material era levado a Salamanca e o arquivo assume uma precisa função repressiva. Terminada a Guerra Civil, ele se torna um instrumento de “limpeza” política conduzida pelo franquismo de modo sanguinário a partir de 1939, sobretudo até 1945. É preciso lembrar que a Espanha, vendo já em 1942 que o “Eixo” começava a perder a guerra, desde 1943 começa a se aproximar do fronte dos Aliados. Naturalmente as coisas mudaram. No pós-guerra, sem o auxílio dos EUA (e da Argentina), muitos espanhóis morreriam de fome e o regime teria sofrido riscos.

— *Você desenvolveu pesquisas em Salamanca?*

— Pessoalmente tive a possibilidade de trabalhar no arquivo de Salamanca consultando o material relativo às coletivizações, relativo às reuniões da CNT (confederação dos sindicatos anarquistas) e pude ver que os nomes foram diligentemente sublinhados em vermelho, com lápis de ponta grossa. Depois intervinha a repressão confrontando as pessoas individualmente. Em seis anos se calcula que os mortos (geralmente fuzilados) estão entre noventa a noventa e cinco mil. Recentemente a *Generalitat* pediu a restituição de parte do arquivo que

dizia respeito a Catalunha, e Zapatero reconheceu esse direito. Mas o sindicato de Salamanca (expoente do Partido Popular de Aznar) procurou boicotar o envio das primeiras 500 (ou melhor 499) caixas contendo apenas documentos relativos à *Generalitat*, que tiveram de ser transferidos na calada da noite às escondidas. Nesse caso o centralismo franquista reemergiu sob meneios da “unidade” do material do arquivo (disseram que não queriam “desmembrá-lo”), mesmo que em nossos dias o material em papel original não seja indispensável para a pesquisa histórica (xerox, microfilme, etc). Na realidade os que negam o direito à autonomia querem impedir a reconstituição dos arquivos catalães. Na minha opinião, se a queda de braços entre autonomismo e centralismo tivesse que continuar durante muito tempo, no futuro uma parte dos atuais autonomistas poderiam se tornar abertamente independentistas.

— *Você tem um profundo conhecimento da realidade catalã. Se tivesse que especificar algumas características culturais do povo catalão, o que você colocaria em evidência?*

— A identidade é um terreno complicado e escorregadio. É fácil cair na generalização e na construção de estereótipos folclóricos. No que diz respeito à minha experiência (no âmbito universitário, em movimentos populares e como pesquisador) diria antes de tudo que ainda hoje é difuso o bilingüismo e que a maioria usa indistintamente o catalão e o castelhano. Talvez entre os mais jovens prevaleça o catalão, pelo menos no nível escolar e institucional. Organizei diversos cursos na universidade utilizando o castelhano, no passado não tive problemas. Ultimamente me parece que há alguma dificuldade. Em todo caso, dos trinta anos em diante prevalece o bilingüismo. Me refiro sobretudo a Barcelona, a realidade que conheço melhor, como também Ge-

rona e Lerida. Ademais, pessoalmente tendo a considerar a “questão catalã” no interior de uma problemática espanhola.

— *Notou uma atmosfera mais “européia” em Barcelona?*

— Um outro elemento (porém, sempre sem generalizações), sobretudo no passado, poderia ser o de uma maior abertura cultural, a sensibilidade para com a cultura internacional, o interesse por aquilo que acontece nas capitais européias, principalmente em Paris (também devido a presença em Barcelona de uma consistente comunidade francesa). É preciso não esquecer que a Catalunha era a região mais desenvolvida economicamente. No início dos anos de 1800 apareceram as primeiras indústrias têxteis, atrás da Inglaterra, mas antecipadamente em relação à Espanha. A indústria se desenvolveu depois, no final do século XIX, nos países Bascos e apenas nos anos sessenta e setenta do século passado no resto da península ibérica. Mas em 1800, Barcelona, além de abrigar comerciantes, operários e industriais, era também uma cidade de artistas. Milhares de artistas, geralmente miseráveis, que constituíam um verdadeiro estrato de intelectuais pobres (pintores, decoradores, poetas, literatos), quase sempre boêmios desconhecidos que, no entanto, contribuíram imensamente para o desenvolvimento cultural dessa cidade.

— *Algo mais?*

— Diria que o espírito comercial (os barceloneses eram chamados “fenícios”) e depois industrial distinguia a mentalidade catalã, determinando uma ética do trabalho e de poupança que emerge, também, nos discursos cotidianos, nas opções de vida das pessoas. É um “estilo de vida” distinto daquele castelhano que, ao contrário, está na base da colonização da América Lati-

na, a partir de 1500. Entre os espanhóis mais dinâmicos o prestígio era confiado às empresas coloniais, à guerra de conquista, à evangelização (forçada) dos índios ao trabalho duro e à poupança. O processo de evangelização em simbiose com a colonização dizia pouco aos catalães que se dedicavam sobretudo a melhorar seu território e as relações mediterrâneas. Isso pode ser atribuído a um explícito e difuso laicismo, a uma verdadeira e precisa desconfiança nos confrontos com as instituições eclesiásticas, consideradas herança de um passado obscurantista. Ainda porque a igreja sustenta, a partir de 1833, os grupos carlistas², favorecidos por um sistema político teocrático. Outro elemento significativo é o anti-militarismo. Numerosos “insubmissos” (objetores totais) e os objetores de consciência, muito mais numerosos dos que aceitavam vestir a divisa. Isso se dava porque o exército era, e é, percebido como centralista, como emanção do poder de Madri. É significativo que os vértices do exército constriam ainda os soldados, hoje “voluntários”, a utilizar apenas o castelhano. O ideal pacifista é muito difundido: em Barcelona milhões de pessoas se manifestaram durante semanas contra a guerra no Iraque.

— *O início da Guerra Civil espanhola remonta há 70 anos. A forte presença do movimento anarquista na Catalunha abortou no nascedouro a operação dos militares golpistas. O que se pode dizer a propósito?*

— Na metade de julho de 1936, ocorre o golpe militar contra a República (e contra o separatismo basco e catalão) que interrompe um processo de abertura e modernização (também no âmbito do ensino³) da sociedade espanhola. A resposta do governo e do exército é débil, mas a oposição está sobretudo no protagonismo popular próximo da CNT e da FAI [Federação Anarquista Ibérica]. O Estado republicano declina e a vida se

reorganiza sob outras bases, principalmente em Barcelona, Valencia e também em Madri... em todas as partes onde é forte a presença do sindicalismo anarquista, e também socialista. Coisa diversa ocorre em Bilbao, onde é mais forte a UGT e prevalece sobretudo a questão da autonomia. Em Saragoça e Sevilha triunfam os militares golpistas e começa uma dura repressão. No território que restou fiel à República os setores privilegiados da sociedade (aliados de Franco) escapam ou são neutralizados. Naquele momento Barcelona (chamada a “Rosa de foc”⁴) tem um milhão de habitantes; é uma cidade culta, próxima ao *standard* europeu. Mas é igualmente o centro do anarco-sindicalismo europeu, provavelmente mundial. Ali o anarquismo é operário, enquanto na Andaluzia é rural. Se desenvolve a perspectiva de uma nova sociedade; há tempos nos círculos da CNT se discutiam valores universais, de solidariedade internacional, não apenas de salário. O componente libertário vence nas estradas, sobre as barricadas contra os golpistas, com a perda de militantes preciosos (como Francisco Ascaso); mas fracassa a intenção do exército de realizar ofensiva com uma parada militar pela Diagonal barcelonesa. A situação se deteriora e a classe operária anarquista debela os militares. O mesmo não ocorreu na Alemanha e nem mesmo na Itália, onde havia um forte movimento sindical. Mas na Espanha havia o hábito do confronto também violento, a ação direta em sintonia com as greves gerais. Isso foi admitido até mesmo pelo presidente da *Generalitat*, Lluís Companys, expoente da ERC (Esquerra Republicana de Catalunya) e advogado que havia defendido algumas vezes, também, militantes anarquistas.

— *Luis Romero, Garcia Oliver, José Peirats contam com muita ênfase o encontro entre Companys e os “líderes” anarquistas; o episódio foi ainda retratado por Hans*

O curto verão da Catalunha

Magnus Enzensberger no seu livro O curto verão da anarquia. O que decidiram os anarquistas?

— Por razões de oportunidade política os anarquistas da CNT e da FAI decidiram não destituir o governo catalão. Companys reconhece a hegemonia anarquista, mas esses lhe dizem para permanecer. Cria-se um Comitê das Milícias Anti-Fascistas, um tipo de poder paralelo que organiza de modo horizontal e voluntário as forças populares. Dele saíram as primeiras formações que partiram imediatamente para combater em Saragoça, em Aragão, etc.

— *Qual era a ideologia dos golpistas?*

— Podemos defini-los “nacional-católicos”. A ideologia de base do franquismo (ou melhor: seus valores de referência) será essa identificação dos interesses nacionais com os da Igreja. Substancialmente é a ideologia da CEDA (Confederação Espanhola de Direitas Autônomas), direita católica reacionária, cujo aspecto oficial será a Falange, mais filo-fascista, e o corporativismo, reproduzindo o sistema italiano.

— *O que acontece na Catalunha após a derrota da tentativa golpista? Como se organizaram as massas populares, os libertários em particular?*

— No comitê (denominado Comitê Central das Milícias Anti-Fascistas), o papel dirigente pertence aos anarquistas que colaboram com os socialistas e o recém formado PSUC, de hegemonia comunista. Mas, além das milícias, foi iniciada a *autogestão produtiva*, as coletivizações, principalmente nas médias e pequenas indústrias, além dos serviços públicos. As assembleias e comitês dos operários decidem encarregar-se da produção. Aquilo que resta da influência clerical é expurgado. Nos conventos e nas igrejas sediam-se os “ateneus libertários”. Neste momento, Barcelona é o coração das

tendências revolucionárias representadas pela CNT, pela FAI, pelo POUM (Partido Operário de Unificação Marxista) pequeno partido comunista anti-fascista, de muitas organizações espontâneas que giram em torno da vontade de fundar uma nova sociedade, em torno da vontade de experimentação social. É interessante ler as anotações dos viajantes e convidados dos jornais de todo o mundo, surpresos com o clima revolucionário da cidade catalã. Os restaurantes não são pagos, os transportes são gratuitos, um clima de relações humanas que lembra aquele sonhado pelos teóricos do anarquismo.

— *Você havia mencionado o PSUC...*

— O PSUC (Partit Socialista Unificat de Catalunya, com um comitê autônomo em relação ao PCE) nasce depois do 19 de julho 1936, da unificação entre alguns partidos comunistas sem expressão (Partit Comunista de Catalunya e Partit Català Proletari) com a Federação Catalã do PSOE. A liderança é sem dúvida estalinista. Obtém o reconhecimento da Terceira Internacional, um caso raro dado que era reconhecido apenas um partido comunista por cada estado. Evidentemente Stalin estava seguindo com atenção os acontecimentos da Catalunha. Em poucas semanas, o PSUC cresce em proporções, graças à propaganda, devido ao fato de ser representante da URSS. Quando chegam em Barcelona os navios com as armas, cresce o consenso em relação à Rússia que as envia (juntamente com conselheiros militares, expoentes políticos, agentes da polícia secreta). Também pode parecer paradoxal, mas a outra “perna” que favorece o crescimento do PSUC é a “*defesa da propriedade privada*” contra as coletivizações.

— *De que modo?*

— Os fins declarados dos estalinistas é o de manter as relações com a pequena e média burguesia para vencer a guerra. Portanto, sustentam a repressão contra os movimentos revolucionários que levariam à confusão; “objetivamente” fariam o jogo dos fascistas. O PSUC restaura o conceito de disciplina militar e política; considera a batalha em ato como puro confronto militar entre exércitos. As milícias, após serem abundantemente caluniadas, são dissolvidas e se criam repartições militares, com hierarquias definidas com as quais não se discute. Os combatentes são colocados em condição de inferioridade em relação aos oficiais. É o chamado Exército Popular. Sobre as massas populares, controladas verticalmente, é imposta uma determinada visão da luta contra o fascismo. Também a polícia e a propaganda passam a ser controladas pelo PSUC. Em perfeita sintonia com a política do PCE: reconstruir Estado e exército e defender a propriedade privada. Nisso o PSUC conta ainda com o apoio de alguns setores catalães que colaboram para a restauração.

— *Mas as coletivizações não tinham funcionado?*

— Operários e camponeses tinham demonstrado serem capazes de fazer funcionar a economia. Provavelmente as coletivizações resultavam mais praticáveis no meio rural, por parte dos camponeses. Nas fábricas não eram muitos os técnicos disponíveis. Mas os numerosos estudos sobre os transportes, a eletricidade, a edificação, também sobre fábricas mecânicas nos forçam a reconhecer que a experiência tinha funcionado. Em compensação a destruição, em agosto de 1937, das coletividades rurais aragoneses (promovida por Lister) colocará em crise também as provisões dos combatentes. Em 1936, há duas visões conflitantes (uma libertária e a outra autoritária, para retomar uma distinção clássica) acerca da reorganização social.

— *Havia também o problema de uma situação de guerra...*

— A guerra é muito dura para uma experiência libertária. Mesmo refutando a reorganização do exército, restava sempre o problema da eficiência. A produção deveria ser direcionada para armas e munições, não podia privilegiar “os bens sociais”. No curso do tempo a guerra transforma o espírito inicial e também alguns libertários acabam por justificar escolhas discutíveis do ponto de vista revolucionário anti-estatal (aquele de Bakunin contra Marx, para ser mais claro). Em setembro de 1936 a CNT participa do governo catalão e após dois meses quatro militantes anarquistas entram como ministros no governo de Largo Caballero. Federica Montseny se torna ministra da Saúde, umas das primeiras mulheres da Europa. Nele desenvolve práticas contraceptivas, de apoio à autogestão da maternidade, etc. O novo ministro da Justiça é Juan Garcia Oliver, ex-expropriador de bancos; poderíamos defini-lo um “técnico”... O outro é Peiró, operário do vidro, considerado um “moderado” no interior da CNT, que se torna ministro da Indústria. Com a derrota da república se refugiou na França, mas depois é capturado pelos nazistas e reencaminhado para Franco (assim como Companys). É torturado até que aceitasse fazer parte do sindicato vertical franquista. Recusou, é fuzilado em 1942.

— *Um aspecto importante da Guerra Civil espanhola foram as intervenções estrangeiras, Brigadas Internacionais de uma parte e nazi-fascistas de outra...*

— Na metade de outubro foram constituídas as Brigadas Internacionalistas, há três meses de distância do golpe. Mas as primeiras semanas foram decisivas; no início, três quartos da população da península ibérica não eram ainda controlados pelos golpistas. No final de

julho, Franco obtém o apoio de Mussolini e imediatamente também o dos nazistas. A Itália envia no *complexo* 80 mil homens, divisões de encouraçados, aviação, submarinos (dos quais serão lançados torpedos contra os navios russos que levavam armas para a República). A intervenção italiana do CTV (Corpo de Tropas Voluntárias, ainda que de “voluntário” tivesse pouco) pesará muitíssimo. Todos sabem do bombardeio alemão, com bombas incendiárias, sobre Guernica fazendo um milhão de mortos. Mas se prefere ignorar que a aviação italiana tinha causado três mil mortos apenas em Barcelona.

— *Uma das figuras mais notáveis desse período é o grande revolucionário Buenaventura Durruti...*

— No começo de novembro de 1936, Durruti é convidado a deixar o fronte aragonês, de hegemonia libertária, para ir à Madri (que está por capitular) com a sua coluna composta por milhares de milicianos. Chega depois de uma viagem massacrante e segue rapidamente para o combate. Morre quase imediatamente, provavelmente devido a seu próprio erro (sai do automóvel ferido mortalmente, conforme narra Abel Paz). Era 20 de novembro de 1936, no mesmo dia em que foi fuzilado pelos republicanos Alicante Antonio Primo de Rivera, o fundador da Falange. Segundo muitos autores a morte de Durruti representa um evento muito significativo. Demonstra que finalmente o impulso inicial deve acertar contas com a lógica bélica, além do estalinismo. Os primeiros indícios dos contrastes armados entre anarquistas e estalinistas aliados dos catalães são registrados em algumas vilas da Catalunha em janeiro de 1937. É significativo que já em fevereiro do mesmo ano, a “Pravda” escreva que contra os “trotkistas” e os “anarquistas” será usado o punho de ferro, como na Rússia. É uma antecipação do maio de 1937.

— *O que ocorre em maio de 1937?*

— Não ocorrem manifestações do Primeiro de Maio em Barcelona. Depois de alguns dias um grupo de policiais, guiados por um membro do PSUC, sai em assalto da central telefônica ocupada pelos anarquistas. Era um exemplo clássico de “duplo poder”: qualquer um que quisesse falar com a *Generalitat* devia primeiro passar pelos anarquistas, mesmo (como ocorreu) o presidente Manuel Azaña. É conhecido o episódio da telefonista que lhe tinha perguntado quem era. Obviamente Azaña responde ser o Presidente da República, e ouve em resposta: “Isso é o que você pensa”. Era um poder de fato que interrompia o controle estatal. A intervenção da patrulha de policiais provoca uma verdadeira batalha sobre os vários andares da central e uma revolta nos bairros proletários contra o abuso de poder dos estalinistas, minoritários mas bem organizados. De um lado anarquistas e POUM, do outro PSUC e alguns catalanistas. Os estalinistas atacaram o pequeno POUM acusando-o de trotskismo e de ser uma “quinta coluna” ao soldo dos franquistas (curioso que Trotski acusava os anarquistas de serem a “quinta rota” da burguesia). Contra a CNT-FAI, a tática do PSUC devia ser mais sutil. Togliatti, por exemplo, elogiava a base operária da CNT enquanto atacava os dirigentes pelos seus “erros e ambições”. Não podiam obviamente dizer que a CNT, com dois milhões de inscritos e centenas de milhares de combatentes, estava “ao soldo dos franquistas”. Um parêntese: naquele momento a inscrição no sindicato era obrigatória, mas também antes, em 1933-1934 os inscritos eram 1,4 milhões, frente a poucos milhares de comunistas. O maio de 1937 em Barcelona pode ser considerado uma “guerra civil na guerra civil”. Foram cerca de quinhentos mortos, na sua maioria libertários.

— *Morreram também anarquistas italianos?*

— O mais famoso foi seguramente Camilo Berneri, intelectual anarquista, diretor de *Guerra di classe*, seqüestrado e eliminado pelos estalinistas. A incerteza reinou durante uma semana. O comitê de defesa dos bairros que haviam erguido barreiras, é paralisado pelos “líderes” da CNT. Os anarquistas italianos presentes contaram várias vezes que na caserna “Spartaco” de onde os anarquistas já tinham apontado os canhões contra a caserna “Karl Marx”, dirigida pelos estalinistas, tiveram de intervir pessoalmente Oliver e Montseny. Em seguida, de Valência (para onde se transferiu o governo republicano em novembro de 1936) chegaram 5000 guardas de assalto que retomaram o controle. O dirigente do POUM, Andrés Nin é preso (depois torturado e assassinado) e algumas centenas de anarquistas. É provável que nessa operação (chamada operação “Nikolai”) o comunista Vittorio Vidali, de Trieste, tenha tido um papel não secundário. Ao contrário, o anarquista também triestino Umberto Tommasini contava ter sido preso pela polícia estalinista enquanto estava iniciando uma ação contra os navios fascistas italianos e que tinha se salvado somente graças aos protestos da CNT.

— *As jornadas de Barcelona foram decisivas para o campo republicano. É possível afirmar que naquele momento termina a fase revolucionária?*

— Esse acerto de contas coloca o movimento anarquista frente a uma escolha muito delicada; militarmente se poderia vencer os estalinistas, pelo menos em Barcelona, mas não quiseram fazê-lo. Contra eles havia a repressão dirigida pelo próprio governo republicano. Portanto, aceitaram a dissolução dos Comitês de Defesa dos bairros operários e também o fato de que centenas de militantes libertários fossem presos. Largo Caballero se demite, recusando-se a promover a repressão contra os militantes do POUM (acusados de serem

“agentes de Franco”) sem provas. Provavelmente os agentes estalinistas que tinham seqüestrado Nin pensavam arrancar dele uma “confissão” pela tortura, mas o plano falhou, evidentemente, e Nin foi assassinado. Quando seus companheiros escreviam sobre os muros de Barcelona: “Onde está Nin?”, os estalinistas, com humor macabro, respondiam: “Está em Burgos ou em Berlim” (Burgos era a capital do governo de Franco). Pelo contrário, o cadáver do “desaparecido” foi ocultado nas proximidades de Alcalá de Henares. Recentemente foram recuperados os restos de um cadáver que poderia ser o seu. Ocorreu, portanto, um consistente redirecionamento do protagonismo revolucionário e um reforço do Estado no qual os comunistas controlavam muitas estruturas de poder. Essa luta intestina, prescindindo das responsabilidades, indubitavelmente acabou por enfraquecer a resistência às tropas franquistas. Em todo caso, na derrota republicana o apoio nazifascista teve um papel preponderante.

Tradução do italiano por Nildo Avelino.

Notas:

¹ “La breve estate catalana”, publicado originalmente em *A rivista anarchica*, Milão, ano 36, n° 317, maio de 2006.

² “Carlismo” foi o partido de Don Carlos María Isidro (1788-1855), irmão de Fernando VII e pretendente ao trono da Espanha após a morte desse. O carlismo nasceu em 1833 e foi o movimento político que englobou a ala mais conservadora da sociedade espanhola, de forte caráter anti-liberal e anti-revolucionário (N.T.).

³ *Francesc Ferrer y Guardia*, idealizador do ensino racionalista que impulsionou o movimento internacional de criação de escolas modernas pelos anarquistas, era catalão. Acusado de ser o instigador das revoltas de Barcelona conhecidas como “Semana Trágica”, foi fuzilado em 1909 na prisão de Montjuïc (N.T.).

⁴ “Rosa de fogo” (NT).

RESUMO

A Revolução Espanhola, seu começo, desenvolvimento e dissipação sob a guerra civil. O apoio direto do nazi-fascismo às forças franquistas, a atuação dos comunistas no processo de restauração das relações de dominação e a resistência anarquista.

Palavras-chave: revolução espanhola, anarco-sindicalismo, anarquismo.

ABSTRACT

The Spanish Revolution, its beginnings, development and disintegration under the civil war. The direct support of nazi-fascism to Franco's forces, the actions of communists in the processes of rebuilding the relation of dominance and the anarchist resistance.

Keywords: Spanish Revolution, anarcho-syndicalism, anarchism.

Indicado para publicação em 14/03/2006.